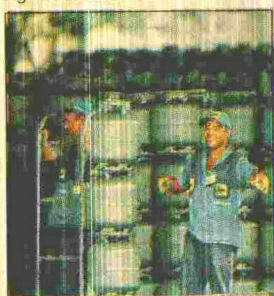


Aglberto Lima/AE



Queda à vista

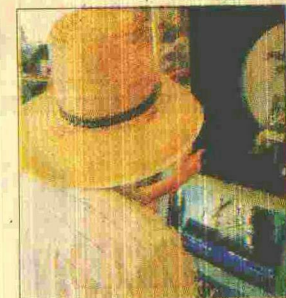
Gás e gasolina podem ficar mais baratos esta semana.
Página 3

E & THE WALL STREET JOURNAL AMERICAS Economia

SEGUNDA-FEIRA, 30 DE JUNHO DE 2003

Mercado atraente

Varejo disputa o consumidor do interior de São Paulo.
Página 10



R\$ 20 bi entram na economia até o fim do ano

Diferença do FGTS, restituição de IR e reajuste de aposentadoria devem aquecer quarto trimestre

MARCELO REHDER

A retomada da atividade econômica, tão esperada e anunciada pelo governo, deverá começar a dar sinais consistentes no último trimestre deste ano. Por enquanto, os empresários estão cautelosos, à espera da reação dos consumidores às medidas anunciadas nos últimos dias, como o incentivo ao microcrédito e a simplificação das regras para abertura de contas correntes. Com os salários achatados e o crédito ainda restrito, o consumidor adia a compra de bens mais caros.

A expectativa de recuperação está fundada sobretudo no fato de que até o fim do ano cerca de R\$ 20 bilhões deverão ingressar no mercado, na forma de pagamento da diferença do Fundo de Garantia do Tempo de Serviços (FGTS) e restituição do Imposto de Renda (IR), além do reajuste de 19,71% nos proventos de aposentados e pensionistas.

Segundo analistas, num primeiro momento parte desse dinheiro deverá ser destinada para o pagamento de dívidas ou poupança. Mas, depois que estiver com o nome limpo na praça, o consumidor deverá voltar a comprar pelo crediário, ajudan-



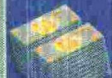

do a estimular a economia.

Dessa bolada, os cerca de 21 milhões de aposentados e pensionistas do setor privado, juntos, deverão embolsar R\$ 1,5 bilhão ao mês, somando R\$ 9 bilhões até o fim do ano. "Como a situação dos aposentados está muito difícil, esses recursos deverão ir direto para a compra de bens de primeira necessidade, como remédios e alimentos, irrigando a economia", observa o economista Francisco Pessoa Faria, da LCA Consultores.

O pagamento da diferença do FGTS, referente aos expurgos dos planos Verão e Collor, deve injetar cerca de R\$ 7 bilhões na economia até dezembro, já totalizando R\$ 10 bilhões desde o início do ano, segundo a Caixa Econômica Federal. O dinheiro da restituição do IR deverá somar R\$ 5 bilhões, dos quais R\$ 1 bilhão foi liberado em junho.

Não é por outro motivo que fabricantes de bens de consumo duráveis, como a Semp Toshiba e a Philips, líder e vice-líder na venda de TVs no País, estão otimistas com o fim de ano. Na Semp Toshiba, a expectativa de repetir o faturamento de 2002 (cerca de R\$ 1 bilhão) deu lugar à aposta de crescimento, por causa do aquecimento de vendas esperado para o último trimestre.

O vice-presidente da Philips para a área de Consumer Electronics, Paulo Ferraz, cita três fatores para justificar o otimismo do setor, cujas vendas depen-

DINHEIRO NOVO	
Recursos que devem irrigar a economia no segundo semestre	
Diferença do FGTS	R\$ 7 bilhões
Reajuste de pensões e aposentadorias	R\$ 9 bilhões
Restituição do IR	R\$ 4 bilhões
Total	R\$ 20 bilhões
A FAVOR DO CONSUMO	
Fatores que facilitam a retomada da atividade	
	Concentração de campanhas salariais de categorias fortes como metalúrgicos, bancários, petroleiros e químicos. Pauta de reivindicações deve incluir reajustes de 18% nos salários
	Inflação em queda melhora poder de compra dos salários
	Crédito facilitado pelo governo, com o incentivo ao microcrédito, a simplificação das regras para abertura de conta corrente e a criação de consórcio no BB para compra de bens duráveis
	A queda gradativa da taxa básica já está levando à redução dos juros ao consumidor

dem em mais de 70% de financiamento ao consumidor. Primeiro, ele frisa que há demanda reprimida por causa da queda do poder de compra, que agora deve ter uma trégua com o recuo da inflação. Outro fator são as medidas de acesso ao crédito do governo, como a organização,

pelo Banco do Brasil, de um consórcio específico para aquisição de bens duráveis. E acima de tudo, a expectativa de queda, até o fim do ano, de 6 pontos percentuais na taxa básica de juros (Selic), hoje em 26% ao ano.

As apostas levaram grandes redes de varejo, como a Lojas

Cem, a cortar o custo financeiro das vendas a crédito em proporções maiores que as da queda da Selic, de 0,5 ponto percentual. A taxa cobrada pela rede nas vendas de até 16 prestações, por exemplo, passou de 6,7% ao mês para 6,3% – o que equivale a variação negativa de 7,5%. A queda da Selic não chegou a 2%.

"Resolvemos sair na frente da concorrência, porque acreditamos na queda gradual da ta-

xa de juros a partir de agora", diz o supervisor-geral da Lojas Cem, Valdemir Colleone. A rede, que inicialmente projetava crescimento real de 10% nas vendas e depois passou a esperar queda de 5%, agora crê na repetição do faturamento de 2002.

Além do crédito mais fácil, o economista Emílio Alfieri, da Associação Comercial de São Paulo, lembra que a disponibilidade de renda é outro fator que poderá levar o consumidor a voltar às compras. O segundo semestre é marcado por campanhas salariais de categorias importantes como metalúrgicos, bancários e químicos, que devem reivindicar

reajustes de 17% a 18%, para repor perdas da inflação passada.

Salário – "Numa situação em que ninguém consome nada, qualquer aumento de salário vai direto para consumo", diz o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Embalagens Flexíveis (Abief), Sérgio Haberfeld, que aposta numa melhoria da situação no segundo semestre.

Para se ter uma idéia da corrosão do poder de compra, basta ver o comportamento do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), indicador oficial de inflação, apurado pelo IBGE. No segundo semestre de 2002, o índice subiu 9,3%. Nos próximos seis meses, a

alta não deverá passar de 3,7%, segundo a LCA.

Na avaliação do superintendente técnico da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Antônio Carlos Borges, a retomada deverá ficar mesmo para o ano que vem. "O desenho do segundo semestre já está feito", diz. "Se a redução gradativa da Selic tiver algum efeito, ele só será sentido em 2004".

Vidal Cavalcante/AE

Numa situação em que ninguém consome nada, qualquer aumento de salário vai direto para o consumo

Sérgio Haberfeld, presidente da Abief